**Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente**

**RITOS INICIAIS**

**Procissão e Cântico de entrada | Saudação inicial**

P. A graça luminosa do rosto de Cristo transfigurado, morto e ressuscitado, esteja sempre convosco!

R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

**Monição Inicial**

P. No caminho para a Cruz, no meio da escuridão do medo que assaltava o coração dos discípulos, Jesus acende-lhes uma luz de esperança e de confiança no futuro. No alto de um monte, enquanto rezava, *alterou-Se o aspeto do seu rosto*. Na oração, o Senhor transforma sempre a nossa vida, transforma o nosso rosto desfigurado pelo medo e faz-nos ver a realidade com olhos de esperança. Na Transfiguração de Jesus, antecipa-se, por momentos, a vitória da Páscoa. E ficamos todos a saber: a última palavra não é o mal, não é o sofrimento, não é a morte. A última palavra é a do amor. A última palavra é a da Ressurreição. É este o anúncio que ressoa em cada domingo. Hoje também.

**Ato Penitencial**

P. Para participarmos mais dignamente no sacrifício da nova aliança, reconheçamos que somos pecadores.

P. Senhor, nossa Luz e Salvação, em que pomos a nossa confiança no meio das nossas lutas pelo bem, Senhor tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, que nos transformais à imagem do Vosso Corpo glorioso! Cristo, tende piedade de nós! R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, que nos revelais a Palavra eterna e definitiva do Pai, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

**Oração coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

**Leituras nas missas com catequese**

1.ª Leitura (abreviada)

**Leitura do Livro do Génesis**

Naqueles dias,

Deus levou Abraão para fora de casa e disse-lhe:

*«Olha para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar».*

E acrescentou:

*«Assim será a tua descendência».*

Abraão acreditou no Senhor,

o que lhe foi atribuído como justiça.

Nesse dia,

o Senhor estabeleceu com Abraão uma aliança, dizendo:

*«Aos teus descendentes darei esta terra,*

*desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates».*

**Palavra do Senhor.  
  
Salmo -** Refrão: *O Senhor é a minha luz e a minha salvação!* *(cantar apenas a 2.ª e a 4.ª estrofes)*

2.ª Leitura abreviada – conforme proposta do Lecionário

**Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses**

Irmãos:

A nossa pátria está nos Céus,

donde esperamos, como Salvador, o Senhor Jesus Cristo,

que transformará o nosso corpo miserável,

para o tornar semelhante ao seu corpo glorioso.

Portanto, meus amados e queridos irmãos,

permanecei firmes no Senhor.

**Palavra do Senhor.**

**Aclamação ao Evangelho**: *Louvor a Vós, Rei da Eterna glória. Louvor a Vós* (bis). *No meio da nuvem luminosa ouviu-se a voz do Pai: “Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O”. Louvor a Vós, Rei da Eterna glória. Louvor a Vós* (bis).

Evangelho – leitura integral: Lc 9,28b-36

Homilia: Para a redação desta Homilia, recorremos a algumas reflexões: 1. PAPA FRANCISCO, *Catequeses sobre a Oração*, nas Audiências de 9.1.2019; 14.10.2020; 26.5.2021; 2. MAURIZIO PATRICIELLO, *A oração pode deter a guerra? Sim. Nós acreditamos*, in *Avvenire*, Trad. de RUI JORGE MARTINS, publicado no site da [Pastoral da Cultura](https://snpcultura.org/a_oracao_pode_deter_a_guerra_sim_nos_acreditamos.html?fbclid=IwAR1ReqtKlbr08daY-ue44McDvbHhVdYhZpnABjzoJn_bd70X2yMiW9h6LQ8#.YiXmDd4Ko2A.facebook), em 25.02.2022; 3. P. JOSÉ MARIA BRITO, S.J., *Se eu rezar, haverá menos tiros?,* publicado no site <https://pontosj.pt> em 5.03.2022.

**Homilia no 2.º Domingo da Quaresma C 2022** – forma longa

1. Nem as duas últimas quaresmas, em tempos de pandemia, fizeram tanto pela prática da Oração, como esta guerra na Ucrânia. Assaltados, como Abrão, por *um grande e escuro terror*, saímos para fora de casa, multiplicámos vigílias de oração pela paz. Começámos a abrir os olhos para o céu e a contar as estrelas, como se a esperança na Pátria que está nos céus, nos encorajasse a defender e a lutar por uma Pátria que é a Ucrânia, e é a nossa Europa, a nossa Casa Comum. Como os discípulos, envoltos pela nuvem, e cheios de medo, subimos com Jesus, o monte mais alto da oração, esperando o auxílio do Senhor, que fez o céu e a terra (*Sl* 120/121,1)!

2. Foi ali, no alto monte, que Jesus Se transfigurou. “*Enquanto orava, alterou-se o aspeto do seu rosto*” (Lc 9,29). A oração transformou *o rosto de Jesus* e ofereceu aos olhos ensombrados dos discípulos uma visão nova, uma antevisão do rosto desfigurado de Jesus na Cruz, que se transformará em rosto glorioso, pela Sua Ressurreição. E deste modo, a oração não poupou os discípulos a estar ao lado de Jesus, no seu combate final contra as forças do mal em Jerusalém. Mas deu-lhes a confiança no meio da luta de que o sofrimento, o mal e a morte não são a última palavra da história. O mal nunca é o senhor do último dia. O mal é senhor do penúltimo dia: no último dia há a Ressurreição. Deus é o Senhor do último dia!

3. Nestes dias, creio que todos nós rezamos um pouco mais. Rezamos pelo fim da guerra e perguntamo-nos: *A oração pode deter a guerra? Se eu rezar, haverá menos tiros? Para quê rezar se a guerra não acaba?* São perguntas, que tocam o mistério de Deus e da oração, o mistério do homem e da sua iniquidade. Procuremos, à luz da experiência transfiguradora da oração de Jesus, apontar algumas razões pelas quais devemos rezar ainda mais em tempo de guerra:

3.1. Rezemos porque a oração dirigida a um Deus, Pai de todos e não de alguns, ajuda-nos a tomar consciência de que somos todos filhos de Deus e, portanto, todos irmãos e não inimigos. A Oração atinge a raiz de onde brota a paz, na medida em que reforça os laços de uma pertença comum, os laços da nossa fraternidade. Rezemos ao Pai e jamais nos esqueceremos de que somos todos irmãos!

3.2. Rezemos porque este é o modo justo de nos colocarmos do lado de Deus. Não rezemos para pôr Deus a combater, como nosso aliado e do nosso lado, contra o lado oposto do inimigo. Não rezemos para que Deus sirva os nossos propósitos e ambições, mas para servirmos nós o Seu Reino de Amor e de Paz. Rezemos para nos sintonizarmos com a vontade de Deus que é salvar, é reconciliar, é a Paz.

3.3. Rezemos porque, a seu tempo e a seu modo, a oração transforma sempre a realidade. Se, pela oração, não mudam as coisas ao nosso redor, pelo menos mudamos nós, muda o nosso coração e a partir daí muda tudo o resto. E, por isso, rezemos, para transformarmos o ressentimento e vingança nos mesmos sentimentos de perdão e de paz, que há em Cristo Jesus (cf. Fl 2,5). Rezemos para que a guerra termine também dentro de nós e com quem nos rodeia, para que a nossa resposta ao mal seja sempre o bem. Rezemos para alcançar do Senhor um coração novo, que as nossas mãos são incapazes de criar. A oração é arma que nos desarma.

3.4. Rezemos, para transfigurar o nosso olhar, para que o nosso olhar não fique colado ao chão. Não rezemos como se Deus tivesse uma varinha mágica, para bloquear os botões da guerra. Deus está, conhece-nos, acompanha-nos, inspira-nos, anima-nos, mas não nos substitui nesta luta. Rezemos para termos a coragem de enfrentar este combate, de mãos irmanadas, pela vida e pela paz.

3.5. Rezemos, porque Deus Pai escuta-nos sempre, mesmo se os problemas nem sempre se resolvem, mesmo se o sofrimento e a guerra continuam. Se rezarmos, confessamos a Deus a nossa escuridão e Ele rasgará a fenda pela qual a luz poderá entrar; saberemos que somos ouvidos por Ele, e tudo se tornará mais suportável. A pior coisa que nos pode acontecer é sofrermos sem sermos escutados. É disto que a oração nos salva e liberta: da solidão e do desespero, porque, em boa verdade, quem reza nunca está só.

4. Irmãos e irmãs: nesta Quaresma, e em tempo de guerra, rezemos mais, rezemos sempre, sem o cessar-fogo do Espírito; usemos a arma da oração, essa tão poderosa arma que nos desarma o coração! E oremos, a partir de um belo Hino da Liturgia das Horas:

*Esta oração pode ser rezada pelo Presidente, por um leitor ou cantada pelo Coro.*

*Olhai, Senhor, a noite que nos cobre,*

*A fúria do pecado sobre a terra;*

*Olhai a injustiça, olhai a guerra,*

*Olhai para o cativo e para o pobre.*

*Olhai a humanidade dividida,*

*Olhai os transviados, os sem norte,*

*A força da mentira, o erro, a morte*

*E sobretudo o amor faltando à vida.*

*Da morte e do pecado*

*[Da pandemia e da guerra]*

*libertai-nos Senhor,*

*contritos esperamos*

*vossa Páscoa de [Paz e] Amor.*

**Homilia no 2.º Domingo da Quaresma C 2022** – forma breve

1. *“Enquanto orava, alterou-se o aspeto do seu rosto*” (Lc 9,29). A oração transformou *o rosto de Jesus* e ofereceu aos olhos ensombrados dos discípulos uma visão nova, uma antevisão do rosto desfigurado de Jesus na Cruz, que se transformará em rosto glorioso, pela Sua Ressurreição. E deste modo, a oração não poupou os discípulos a estar ao lado de Jesus, no seu combate final contra as forças do mal em Jerusalém. Mas deu-lhes a confiança no meio da luta de que o sofrimento, o mal e a morte não são a última palavra da história. O mal nunca é o senhor do último dia. O mal é senhor do penúltimo dia: no último dia há a Ressurreição. Deus é o Senhor do último dia!

2. Nestes dias, creio que todos nós rezamos um pouco mais. Nem as duas últimas quaresmas, em tempos de pandemia, fizeram tanto pela prática da Oração, como esta guerra na Ucrânia. Rezamos pelo fim da guerra e perguntamo-nos: *A oração pode deter a guerra? Se eu rezar, haverá menos tiros? Para quê rezar se a guerra não acaba?* Procuremos, à luz da experiência transfiguradora da oração de Jesus, apontar algumas razões pelas quais devemos rezar ainda mais em tempo de guerra:

2.1. Rezemos porque a oração dirigida a um Deus, Pai de todos e não de alguns, ajuda-nos a tomar consciência de que somos todos filhos de Deus e, portanto, todos irmãos e não inimigos. A Oração atinge a raiz de onde brota a paz, na medida em que reforça os laços de uma pertença comum, os laços da nossa fraternidade. Rezemos ao Pai e jamais nos esqueceremos de que somos todos irmãos!

2.2. Rezemos porque este é o modo justo de nos colocarmos do lado de Deus. Não rezemos para pôr Deus a combater, como nosso aliado e do nosso lado, contra o lado oposto do inimigo. Não rezemos para que Deus sirva os nossos propósitos e ambições, mas para servirmos nós o Seu Reino de Amor e de Paz. Rezemos para nos sintonizarmos com a vontade de Deus que é salvar, é reconciliar, é a Paz.

2.3. Rezemos porque, a seu tempo e a seu modo, a oração transforma sempre a realidade. Se, pela oração, não mudam as coisas ao nosso redor, pelo menos mudamos nós, muda o nosso coração e a partir daí muda tudo o resto. E, por isso, rezemos, para transformarmos o ressentimento e vingança nos mesmos sentimentos de perdão e de paz, que há em Cristo Jesus (cf. Fl 2,5). Rezemos para que a guerra termine também dentro de nós e com quem nos rodeia, para que a nossa resposta ao mal seja sempre o bem. Rezemos para alcançar do Senhor um coração novo, que as nossas mãos são incapazes de criar.

2.4. Rezemos, para transfigurar o nosso olhar, para que o nosso olhar não fique colado ao chão. Não rezemos como se Deus tivesse uma varinha mágica, para bloquear os botões da guerra. Deus está, conhece-nos, acompanha-nos, inspira-nos, anima-nos, mas não nos substitui nesta luta. Rezemos para termos a coragem de enfrentar este combate, de mãos irmanadas, pela vida e pela paz.

2.5. Rezemos, porque Deus Pai escuta-nos sempre, mesmo se os problemas nem sempre se resolvem, mesmo se o sofrimento e a guerra continuam. Se rezarmos, confessamos a Deus a nossa escuridão e Ele rasgará a fenda pela qual a luz poderá entrar; saberemos que somos ouvidos por Ele, e tudo se tornará mais suportável. A pior coisa que nos pode acontecer é sofrermos sem sermos escutados. É disto que a oração nos salva e liberta: da solidão e do desespero, porque, em boa verdade, quem reza nunca está só.

3. Irmãos e irmãs: nesta Quaresma, e em tempo de guerra, rezemos mais, rezemos sempre, sem o cessar-fogo do Espírito; usemos a arma da oração, essa tão poderosa arma que nos desarma o coração!

**Profissão de fé**

P. Credes em Deus Pai Criador, o Deus da aliança e da Paz, que nos faz sair de nós mesmos, para nos conduzir à Terra Prometida?

R.Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, nosso Salvador, que pela sua Morte e Ressurreição, transforma o nosso corpo miserável, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso?

R.Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, que falou pela Lei e pelos Profetas e envolveu, como uma nuvem luminosa, a Jesus, a Moisés, a Elias, a Pedro, a Tiago e a João, nuvem da qual se fez ouvir a voz do Pai (cf. CIC 697)?

R.Sim, creio!

P. Credes na Igreja, povo peregrino, povo da nova Aliança, chamado a sair da própria comodidade para alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho?

R.Sim, creio!

P. Credes na Ressurreição, nos novos céus e na nova terra e na plena manifestação da gloriosa liberdade dos filhos de Deus?

R.Sim, creio!

**Oração dos Fiéis**

P. Irmãos e irmãs: sobretudo neste tempo de Quaresma, rezemos com os olhos fixos no Crucificado e Ressuscitado: deixemo-nos invadir pela comovente ternura de Deus e, nas suas chagas, coloquemos as nossas e as chagas deste mundo tão dilacerado pela guerra. Imploremos a Deus aquela Paz que nós, os homens, sozinhos não conseguimos construir. E oremos, dizendo: Ouvi-nos, Senhor.

1. Pela Santa Igreja: para que o processo Sinodal em marcha nos conduza a uma escuta atenta da Palavra divina e a uma escuta humilde da voz de todos os membros do Povo santo de Deus, oremos, irmãos.
2. Pelo povo ucraniano, perseguido na sua terra e disperso pelo mundo: para que o Senhor atenda as nossas preces e os esforços das pessoas de boa vontade e lhe conceda a paz e o regresso a suas casas, oremos, irmãos.
3. Pelas vítimas da Covid e dos tempos de pandemia: para que o Senhor atenda as nossas aflições e angústias, conceda o eterno descanso aos que morreram, conforto aos que choram, cura aos doentes, paz aos moribundos, força aos que trabalham na saúde, sabedoria aos nossos governantes e coragem para vencermos esta provação, oremos, irmãos.
4. Pela nossa comunidade paroquial: para que viva em ritmo sinodal este tempo favorável da Quaresma, na escuta silenciosa de Deus, na escuta recíproca entre irmãos e na escuta humilde da realidade, oremos, irmãos.

P. [cf. Oração do Papa na conclusão da Homilia de Quarta-feira de Cinzas 2022]: Vós, Senhor, que vedes no segredo e nos recompensais além de toda a nossa expectativa, escutai a oração de quantos confiam em Vós, sobretudo dos mais humildes, dos mais provados, daqueles que sofrem e fogem sob o estrondo das armas. Colocai de novo a paz nos corações, concedei aos nossos dias a vossa paz. Por N.S.J. Cristo, Vosso Filho, o Eleito, Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

Apresentação dos dons e ofertório | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio próprio do Domingo II da Quaresma | Santo | Oração Eucarística II | Aclamação cantada: *Mistério da Fé para a salvação do mundo:* *Glória a Vós, que morreste na Cruz e agora viveis para sempre! Salvador do mundo, salvai-nos. Vinde, Senhor Jesus.* | Ritos da Comunhão: Pai-Nosso, Embolismo, Fração do Pão, Cordeiro (cantado) | Distribuição e Cântico de comunhão | Oração depois da Comunhão

**RITOS FINAIS**

Agenda pastoral – cf. folha dominical

**Bênção | Despedida**

**Cântico final (ou instrumental)**



**Oração para a Bênção da mesa | 13.3.2022**

Senhor,

esta nossa oração dominical

à volta da nossa mesa familiar,

nos faça sentir cada vez mais

que somos todos filhos de Deus

e por isso mesmo tod0s irmãos.

Com a luz nova do Teu rosto,

ilumina, Senhor, o nosso olhar,

desfigurado pela angústia

e pela tristeza da guerra.

Dá-nos a confiança firme

de vencermos todo o mal

e de alcançarmos a Paz

semeando e praticando o bem.

Ámen.

**HOMILIAS**

**2.º DOMINGO DA QUARESMA C**

**1995-2019**

**Homilia no II Domingo da Quaresma C 2019**

**1.** Hoje é o dia de subir ao miradouro, de respirar o ar fresco e puro da montanha, de contemplar as estrelas, de elevar os corações às alturas da Pátria celeste! Com Pedro, Tiago e João, queremos extasiar-nos, perante a luz que irradia do rosto de Cristo, Crucificado e Ressuscitado! A transfiguração de Jesus, no caminho para Jerusalém, oferece aos discípulos, aos mais íntimos de Jesus, a antevisão da meta, a outra face do rosto de Cristo! Eles hão de assustar-se e adormecer perante o rosto agoniado de Jesus, no Monte das Oliveiras (cf. *Lc* 22,39-46), e hão de escandalizar-se depois com o rosto desfigurado na Cruz. É então preciso que se deixem agora iluminar pela outra face deste rosto: o rosto luminoso e glorioso do Ressuscitado. Jesus fá-los subir ao alto, não para os poupar à Cruz, mas para alcançarem esta *visão* completa do mistério pascal, porque “*só do alto da esperança vemos nós a vida toda*”, como escreveu Fernando Pessoa, com tanta graça: “*Do alto da torre da igreja / Vê-se o campo todo em roda. / Só do alto da esperança / Vemos nós a vida toda*”. É por isso que chamamos a este cais, donde subimos, com Jesus, ao monte da transfiguração, o cais do miradouro! *Terra à vista!* O Céu, a nossa Terra prometida!

**2.** E como podemos também nós desfrutar desta nova visão? Entrando na espessura da nuvem, como outrora Jonas, no ventre do monstro marinho, para escutar a Palavra do Filho, o seu Eleito. Apurando os ouvidos, escutando-O, os discípulos aprendem, com Jesus, a rezar, e assim, a participar na visão de Deus. Eles passam do falar insensato, como o de Pedro, que «não sabia o que estava a dizer» (*Lc* 9,33), à escuta («Escutai-O» - *Lc* 9,35) e, por fim, ao silêncio: «Os discípulos guardaram silêncio e a ninguém contaram nada» (*Lc* 9,36). É o silêncio que guarda o mistério do acontecimento a que assistiram. A oração é experiência de escuta, de intimidade, de conversação, de comunhão e familiaridade com Deus. A Palavra de Deus, escutada e *visionada* em Jesus, transmite luz e ilumina quem a escuta. A oração orienta as decisões existenciais e fortalece o próprio Jesus e os discípulos, para enfrentar a solidão e a hostilidade dos homens. A oração não é uma *fuga para trás*, como a do profeta Jonas, que desceu ao porão do navio e só queria dormir, para se proteger e isolar da comunicação com os outros, para não enfrentar a vida; depois, dentro do monstro marinho, Jonas como que regressa ao ventre da mãe e ali reza, suplica, confia e agradece. Mas Jonas não pôde ficar ali mais do que três dias; acabou por ser projetado para terra firme, em Nínive, precisamente o destino donde fugira. A oração não é, tão-pouco, uma *fuga para a frente*, como a de Pedro, que dentro da nuvem se sente como *peixe na água,* e também ele preferia ficar ali a descer à realidade nua e crua da cruz da vida. Em todo o caso, não é possível construir uma tenda ou uma casa para Deus. Pelo contrário, é necessário entrar na Palavra das Escrituras e deixar-se habitar pelo Espírito, para escutar o Senhor e entrar em comunhão com Ele. Escutar quer dizer deixar que outro habite em nós, fazer-se morada do outro.

**3.** O que acontece a Jonas, depois da oração no ventre do monstro marinho? Regressa a terra firme. Deus salva-o para fazer dele um instrumento involuntário da salvação dos pagãos. O que acontece aos discípulos depois da transfiguração? Descem do miradouro, para seguir Cristo, que os vai guiar na escalada ao monte maior da Sua e da nossa Páscoa.

**4.** E o que nos deve acontecer a nós, depois da consolação deste encontro, neste mistério luminoso da Eucaristia? Desçamos “*do alto da torre da igreja*” aos muitos abismos da solidão, da noite escura, da tristeza, do luto, da carne ferida, da alma sombria, em tantas pessoas, que precisam da nossa escuta e da nossa companhia, para transfigurar o seu rosto triste num rosto luminoso e sorridente. Desçamos até eles, que afinal Jesus já lá está (cf. GE 135). Ele é o nosso Sol, a nossa Estrela Polar, a nossa bússola. Com Ele e só com Ele, chegaremos a bom porto!

**Homilia (mais breve) no II Domingo da Quaresma C 2019**

**1.** Hoje é o dia de subir ao miradouro! Com Pedro, Tiago e João, queremos extasiar-nos, perante a luz que irradia do rosto de Cristo, Crucificado e Ressuscitado! A transfiguração de Jesus, no caminho para Jerusalém, oferece aos discípulos, aos mais íntimos de Jesus, a antevisão da meta, a outra face do rosto de Cristo: o rosto luminoso e glorioso do Ressuscitado. Jesus fá-los subir ao alto, não para os poupar à Cruz, mas para alcançarem esta *visão* completa do mistério pascal, porque “*só do alto da esperança vemos nós a vida toda*”, como escreveu Fernando Pessoa. É por isso que chamamos a este cais, donde subimos, com Jesus, ao monte da transfiguração, o cais do miradouro! *Terra à vista!* O Céu, a nossa Terra prometida!

**2.** E como podemos também nós desfrutar desta nova visão? Entrando na espessura da nuvem, como outrora Jonas, no ventre do monstro marinho, para escutar a Palavra do Filho, o seu Eleito. Apurando os ouvidos, escutando-O, os discípulos aprendem, com Jesus, a rezar, e assim a participar na visão de Deus. A oração é experiência de escuta, de intimidade, de conversação, de comunhão e familiaridade com Deus. A Palavra de Deus, escutada e *visionada* em Jesus, transmite luz e ilumina quem a escuta. A oração não é uma *fuga para trás*, como a do profeta Jonas, que desceu ao porão do navio e só queria dormir, para se proteger e isolar da comunicação com os outros, para não enfrentar a vida; depois, dentro do monstro marinho, Jonas como que regressa ao ventre da mãe e ali reza, suplica, confia e agradece. Mas Jonas não pôde ficar ali mais do que três dias; acabou por ser projetado para terra firme, em Nínive, precisamente o destino donde fugira. A oração não é, tão-pouco, uma *fuga para a frente*, como a de Pedro, que dentro da nuvem se sente como *peixe na água,* e também ele preferia ficar ali a descer à realidade nua e crua da cruz da vida. A oração orienta as decisões existenciais e fortalece o próprio Jesus e os discípulos, para enfrentar a solidão e a hostilidade dos homens.

**3.** O que acontece a Jonas, depois da oração no ventre do monstro marinho? Regressa a terra firme. Deus salva-o para fazer dele um instrumento involuntário da salvação dos pagãos. O que acontece aos discípulos depois da transfiguração? Descem do miradouro, para seguir Cristo, que os vai guiar na escalada ao monte maior da Sua e da nossa Páscoa.

**4.** E o que nos deve acontecer a nós, depois da consolação deste encontro, neste mistério luminoso da Eucaristia? Desçamos “*do alto da torre da igreja*” aos muitos abismos da solidão, da noite escura, da tristeza, do luto, da carne ferida, da alma sombria, em tantas pessoas, que precisam da nossa escuta e da nossa companhia, para transfigurar o seu rosto triste num rosto luminoso e sorridente. Desçamos até eles, que afinal Jesus já lá está (cf. GE 135). Com Ele e só com Ele, chegaremos a bom porto!

**Homilia no II Domingo da Quaresma C 2016**

*“Quando estes se iam afastando, Pedro disse a Jesus: «Mestre, como é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés, outra para Elias»” (Lc 9,33).*

**1.** Os três peregrinos, *Pedro, Tiago e João*, fizeram uma pausa no seu caminho, com Jesus, para Jerusalém! Estão felizes da vida, ao despertar do sono e de um sonho, que lhes enchia o coração de luz e esperança. E, num gesto de *grande hospitalidade*, estão prontos a armar *três tendas*, para dar abrigo à presença gloriosa de *Jesus, de Moisés e de Elias*. Pedro revela assim um coração aberto à surpresa da visita, à graça do encontro; está disponível para desarrumar a sua vida e abrir espaço a quem chega. Pedro lembra aqui o patriarca Abraão (cf. Gn 18,2-8), também ele peregrino, que se faz hóspede, ao receber em sua casa o Senhor, que o visitara na passagem de três figuras misteriosas. Pede-lhes então que não vão adiante sem entrar na sua casa, lava-lhes os pés, põe-lhes a mesa, onde abunda pão e não falta o cordeiro! Oferece-lhes a sombra de uma árvore e, sem o saber, acolhe três anjos, isto é, recebe o próprio Senhor, que deixa as marcas do Seu rosto, no rasto daqueles peregrinos. Ele recompensa a nossa hospitalidade, com a fecundidade da própria vida!

**2.** Nesta segunda semana da Quaresma, somos desafiados a concretizar a quarta obra de misericórdia corporal, «*dar pousada aos peregrinos*», pondo em prática a hospitalidade, essa arte de acolher e de recolher, de hospedar e de receber, num tempo e neste nosso mundinho tão egoísta, em que o estranho ou o estrangeiro, o peregrino ou o forasteiro, o imigrante ou o refugiado, o sem-abrigo ou o sem teto, são tantas vezes tratados com hostilidade e desconfiança, vistos como ameaça e não como bênção. Esta é, pois, de todas, a obra de misericórdia que mais nos compromete e empenha, porque significa aceitar o risco da mudança, deixar que o outro entre em minha casa, desarrume a minha vida, altere os meus hábitos e eu me adapte às exigências do hóspede, reorganizando o que for preciso.

**3.** Não esqueçamos, queridos irmãos, que para vir a este mundo, também nós provocamos em casa a mesma desarrumação, a mesma exigência de ampliar um espaço, de mudar tudo, para receber esta nova vida! Todos nós somos alguém que veio de fora, entrou numa casa e encontrou abrigo! Por isso, devemos estar prontos a acolher quem chega, mesmo se isso torna mais vulnerável e imprevisível a nossa vida. É acolhendo assim os outros, que podemos receber o Outro, o próprio Jesus, que nos dirá, no juízo final: “*era peregrino e recolhestes-Me*” (Mt 25,35).

**4.** É este espírito que inspirou o Papa Francisco a desafiar cada paróquia a receber um refugiado: não para o converter, não para ganhar qualquer coisa à custa dele, mas porque “*Deus ama o imigrante*” (Dt 10,18), que deve ser recebido “*como um concidadão*” (Lv 19,34) e porque estas pessoas são, na verdade, a carne sofredora de Cristo, que passa à beira da nossa casa e nos bate à porta do coração!

**5.** Mas esta obra de misericórdia tem aplicação dentro da nossa casa e na própria Igreja. Precisamos muito de abrir as nossas portas, para acolher, para receber bem, para dar espaço aos outros, o que implica fazer do próprio coração a *casa* onde o outro se possa abrigar e recolher. Mas dar abrigo no nosso coração a quem? Perguntareis. Aceitemos dar abrigo a quem Deus põe no meu caminho, na minha rua, no meu prédio, a quem me bate à porta. São tantas as pessoas a precisar do “colo”, do abrigo do nosso afeto, “*quantas feridas, quanto desespero se poderá curar numa casa onde alguém possa sentir-se acolhido*” (Papa Francisco, Homilia, 12.6.2015). Mas tudo isto significa e implica sobretudo disponibilidade para escutar, para ouvir o outro. Aliás, é o desafio feito a quem queria armar três tendas: “*Este é o Meu filho, o Eleito, escutai-O*” (Lc 9, 35). Recebe-se bem, quando se começa por saber ouvir!

**HOMILIA NO II DOMINGO DA QUARESMA C 2013**

No Ano da Fé, um nome de peso: Abraão, «*o pai de todos os crentes*» (cf. *Rm* 4, 11-12). Olhemos um pouco para a sua história, para lhe adivinhar a fé, como *companheira de vida (PF15)*, para vislumbrar a fé como *verdadeira estrela da esperança,* no meio da escuridão da vida e da noite dos tempos.

**1.** E perguntemo-nos, em primeiro lugar: ***o que pede Deus a Abraão?*** Pede-lhe simplesmente que parta, que abandone a própria terra, que saia da própria casa, para avançar rumo à Terra, que o Senhor lhe indicar. Pede-lhe afinal que olhe para cima e para a frente, para as estrelas, e não para o pó do chão; que olhe, para lá do palmo de terra que pisa; pede-lhe que alargue a sua visão, mais além-mar, para uma terra, que está fora do mapa deste mundo! Trata-se, para Abraão, de uma partida, às escuras, sem conhecer ainda o *cais de chegada*.

**2.** Pela fé, Abraão viaja rumo à meta, mas sem os sinais visíveis da bênção, sem seguranças, nem garantias: recebe apenas, em penhor, a promessa de uma grande descendência, quando afinal tem uma vida quase acabada e marcada pela esterilidade da esposa. É-lhe prometida uma Terra, mas nela viverá apenas como estrangeiro. Por isso, diz São Paulo, que “*esperando, contra toda a esperança, Abraão acreditou e tornou-se pai de muitas nações*” (Rm 4,18). Isto é, diante da promessa de Deus, Abraão não vacilou, não desconfiou, mas conservou-se, firme na fé. A fé abre-lhe assim caminho longo, que exige uma obediência e uma confiança radicais. Doravante, Abraão caminhará à luz da fé e não da visão clara (cf. II Cor.5,7), peregrino de uma pátria, “*cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus*” (Hb.11.10)! Abraão parte, contra todas as correntes, diríamos na *fé de marinheiro*, que “*corta as ondas, sem desanimar*”, na certeza de que *“em qualquer aventura, o que importa, é partir, não é chegar*” (M. Torga).

**3.** O que pode significar, para nós, o exemplo magnífico de Abrão, neste Ano da Fé? Ele ajuda-nos a entender o que significa dizer «*creio em Deus*». Quando afirmamos, no Credo, c*reio em Deus*», nós queremos dizer, como Abraão: *«Confio em Ti, Senhor; confio-me a Ti, Senhor!»* A fé não é, em primeiro lugar, uma adesão lógica da inteligência, a algo que explica as origens do mundo, ou a uma entidade abstrata, que nos governa lá de cima. A fé é sobretudo um ato de confiança pessoal, em Alguém, que nos atrai para Si, e nos alcança, no Seu amor. Por isso, crer em Deus não se resume a acreditar em algo ou em qualquer coisa do além, mas a acreditar em Alguém. Dizer «*Creio em Deus*» significa fundar sobre Deus a minha própria vida, deixar que a sua Palavra me oriente todos os dias, como uma bússola de navegação. Significa deixar que Deus tome, nas suas mãos, a minha vida desfigurada e me transfigure e configure, à imagem de Seu Filho!

**4.** Irmãos e irmãs: Prossigamos a nossa viagem da fé, “*rumo ao cais de chegada*”. Não podemos, como Pedro, ficar «*aqui*» para sempre, instalados e estacionados, no alto monte ou no alto mar, porque a fé é caminho permanente, é seguimento, até à Cruz, até travessar o vale escuro vale da morte, até à luz da ressurreição, rumo a uma pátria, que está nos céus, e que não se confina, nem termina, mas se determina, neste mundo. Para conhecermos o rumo, e chegarmos à meta, precisamos de *cortar as ondas sem desanimar*, de resistir nesta fé.

**5.** Permaneçamos, então, firmes no Senhor (Fl 4,1)! Nesta 2ª semana, *subamos ao «monte» da oração, trazendo daí a luz e a força do amor de Deus, para servir os nossos irmãos*, a começar pelos que habitam debaixo da mesma tenda e moram debaixo do mesmo teto. Rezemos mais. Guardemos silêncio, por mais algum tempo, para escutarmos a Palavra. E, prossigamos, *rumo ao cais de chegada*, que é o próprio Deus, nossa origem e nossa pátria, onde a nossa vida se aconchega e embeleza! E então saberemos que «*o fim da nossa viagem é* - no final de contas *- chegar ao ponto de partida e, pela primeira vez, conhecer o seu lugar*» (T.S. Eliot).

**HOMILIA NO II DOMINGO DA QUARESMA C 2010**

**1.** Afinal, também há uma face oculta, no processo de Jesus! E nem sequer os amigos mais íntimos conheciam ainda essa outra face escondida do seu rosto: não uma face obscura e nebulosa, mas o seu lado mais luminoso e refulgente. Jesus percebeu, bem e depressa, que os seus discípulos entraram em estado de choque, com o escândalo da cruz. De facto, depois de ouvirem da boca de Jesus o primeiro anúncio da sua paixão (Lc.9,22), depois de perceberem as difíceis condições para seguir Jesus, pelo caminho da cruz (Lc.9,23-27), a escuridão tomou conta do coração dos discípulos! Os discípulos foram, como Abraão, “*assaltados por um grande e escuro terror*” (Gen.15,12)! É, neste contexto, que Jesus toma consigo Pedro, João e Tiago, os seus mais íntimos amigos, e os chama a subir ao monte da oração. É preciso que não enterrem os olhos, no chão! Mas que os levantem para o alto, para ver a vida toda, para contemplar em Cristo a sua face oculta e gloriosa, que surgirá da Sua ressurreição! Por isso, naquele monte, «*enquanto Jesus rezava, alterou-se o aspeto do seu rosto»* (Lc.9,29)! Os discípulos puderam ver, no rosto de Cristo, as duas faces: a cruz e a luz, a paixão e a ressurreição, o Seu corpo morto e logo transformado pelo poder da ressurreição! Deste modo, Jesus projeta sobre uma espécie de luto antecipado dos discípulos a visão gloriosa da sua Páscoa. Do alto, os discípulos podem divisar, para lá do palmo de terra prometida, «*a Pátria que está nos céus, donde esperamos como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo miserável, para o tornar semelhante a seu corpo glorioso*» (Fil.3.20-21)!

**2.** Meus queridos irmãos e irmãs: Olhemos para esta tristeza, que se abateu sobre os discípulos, para «*o grande e escuro terror, que lhes assaltou o coração*», diante da perspectiva da morte de Jesus! E vejamos neste convite de Jesus a subir ao monte para rezar, um sinal da sua compaixão divina. É a compaixão, junto de quem sofre a perda de um amigo, de um pai, de uma mãe, de um filho, de um irmão! O rosto desfigurado pela dor de uma perda, precisa de ser animado pelo consolo de uma palavra luminosa, de uma presença amiga, de um gesto de compaixão, como o de Jesus, na sua transfiguração!

Nesta semana, vamos traduzir a compaixão, nestas três obras de misericórdia: consolar os tristes, enterrar os mortos e rezar por vivos e defuntos.

**3.** Gostaria mesmo de enunciar, em cinco passos, o que pode ser a nossa compaixão com as pessoas enlutadas:

**Primeiro passo**: comecemos por participar, dignamente, nos funerais. E participemos, de corpo e alma, num silêncio profundo, numa oração simples, numa meditação atenta do mistério da vida, da morte e ressurreição. Muitos há que ficam, dentro ou fora, a conversar, antes, durante e depois da celebração, numa espécie de fuga do real. Tais conversas paralelas, às vezes em concorrência com a celebração, são uma falta grave de respeito humano e denunciam a tentação de fugir à questão da morte. Ora a compaixão, com a família enlutada, começaria exactamente por uma participação digna e inteira na celebração!

**Segundo passo**: A compaixão deverá traduzir-se, também e sobretudo, depois do funeral, no interesse pelas pessoas enlutadas, mesmo se não sabemos bem o que lhes dizer ou julgamos nada poder fazer. Não vale a pena fugir ao problema.Há que familiarizar-se com a situação. *“Não é a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor”* (Bento XVI, *Spe Salvi*, 37).

**Terceiro passo:** guardar silêncio, junto de quem está de luto, sem esbarrar nas frases feitas, do género: «*foi melhor assim*»; «*ele está melhor lá no céu*», «*foi a vontade de Deus*», «*Deus precisava dele*». Estes clichés podem magoar a pessoa que tentamos consolar! Com uma simples frase não podemos colocar de lado os afectos de uma vida. Seria injusto e desumano! “*O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor”* (Bento XVI, DCE 31)*.* Com este silêncio, podemos dar largo espaço ao desabafo de quem sofre, fazendo sentir à pessoa, que tem razões para se exprimir assim!

**Num quarto passo**, eu diria: talvez o mais importante, na compaixão para com as pessoas enlutadas, seja mesmo uma presença calorosa. A presença é um dom, até no silêncio. Transmite proximidade, mesmo quando não há palavras. Pode fazer-se através de contactos frequentes, de uma simples mensagem, de uma visita inesperada, de um passeio juntos!

**Num quinto passo**, recordo-vos que a compaixão desperta e activa a esperança. Dêmos e sejamos sinais de esperança, ajudando as pessoas enlutadas «a sair de casa», a «olhar as estrelas», a investir as suas energias no futuro. Quem transmite calor, infunde a pequena esperança dos gestos simples e abre os olhos à esperança maior daquela «Pátria, que está nos céus». Mobilizemos as famílias, os amigos, os vizinhos, os grupos paroquiais e outros voluntários, para ajudar quem sente tal dor por tão grande amor.

**4.** Por último, e agora e sempre, rezemos, por vivos e defuntos! «A oração é uma força serena, que não nos deixa entorpecer perante os abalos. Nela bebemos energias indispensáveis de compaixão” (Frei Roger)! Peçamos a Jesus, nossa esperança, que ilumine o caminho, que nos leva à compaixão do coração!

**Homilia no II Domingo da Quaresma C 2007**

**O amor tudo crê, tudo espera!** (I Cor. 13,7)

**1.** Confesso-vos que nunca tinha advertido o meu pensamento, para estas características do Amor, enunciadas no belíssimo Hino à Caridade: “***o amor tudo crê. O amor tudo espera***” (I Cor.13,7).

É esse mesmo Amor - no dizer do Apóstolo - que nos aumenta e alimenta a fé, quando estamos a ponto de desacreditar de tudo, de desconfiar que o mal se possa instalar de vez, por toda a parte: ora, o amor tudo crê. É esse mesmo Amor, que desata e dilata a esperança, quando já não se espera mais uma nova humanidade e se desespera de um mundo melhor. De facto, “*o amor é a única força capaz de mudar o coração do homem e a humanidade inteira*” (Bento XVI, Mensagem JMJ 2007): ora, o amor tudo espera. No fundo, São Paulo neste Hino, vem dizer-te isto: Por amor de Deus, tem fé! Podes acreditar e confiar, como Abraão, sem medo de perderes a tua aposta, porque o Amor de Deus, sairá sempre vencedor! Mesmo que a tua fé entre em crise, nada pode fazer Deus deixar de acreditar em Ti. Podes “*esperar contra toda a esperança*”, como Abraão, porque a esperança não engana, uma vez que o amor de Deus foi derramado em nossos corações, e Deus não falha nunca. Ele cumpre a sua promessa. Ele é fiel à sua Aliança. Deus não desespera de ti. Acreditar significa para ti, deixares-te amar, por este Deus que te amou primeiro e põe sempre por ti as suas mãos no fogo.

**2.** Mas, em boa verdade, - caríssimos irmãos - *se o amor tudo crê e tudo espera*, é precisamente porque a fé nos diz: “*Deus entregou o seu Filho por nós”* (Ef.5,2). É graças a esta fé, que temos a certeza vitoriosa, de que “Deus é Amor”. Nesse sentido, cada um de nós pode dizer, sem qualquer receio de errar: *"Cristo amou-me e entregou-Se por mim"* (*Gal.2,20*). Deste modo, “*a fé transforma as nossas dúvidas em esperança segura, de que Deus tem o mundo nas suas mãos. Não obstante todas as trevas, Deus vence*. *Vedes então como a fé, esperança e caridade caminham juntas*” (cf. DCE 39).

**3.** Mas surge hoje, nesta fé iluminada pelo amor, uma desconfiança obscura: como poderá o Amor ajudar-nos a acreditar, se deixarmos de acreditar no Amor? O próprio Amor, caiu hoje em descrédito, sobretudo quando se experimentam tantos erros e falências, tantas caricaturas e falsificações do verdadeiro amor. “*O próprio termo «amor» tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e mesmo abusadas*” (DCE 2). E nesta ambiguidade, “*há mesmo quem chegue a duvidar que o amor seja possível*” (Bento XVI, MJMJ 2006). Que se nos oferece então dizer?

**4.** A resposta é esta: só o Amor é digno de fé. E a nossa fé, como a de Abraão, crê no Amor de Deus, fia-se e confia-se a Ele, entrega-se e abandona-se a este Amor de Deus, que primeiro nos amou. Deus ama-nos, antes de tudo, apesar de tudo, e acima de tudo. “*Nós cremos no amor de Deus* — *esta é mesmo a opção fundamental da nossa vida*” (DCE 1).

Nesse sentido, acreditamos que “*o amor é possível e que nós somos capazes de o praticar, porque fomos criados à imagem e semelhança deste Deus, que é Amor*” (DCE 39). “*Mesmo se eventuais carências afectivas, ou desilusões sentimentais, podem levar a pensar que amar é uma utopia, um sonho irrealizável, isso não implica necessariamente resignar-se*” (Bento XVI, MJMJ 2007). Pelo contrário, quando contemplamos, como os discípulos na Transfiguração, “a luz para lá da Cruz”, “a ressurreição para lá da morte” e o próprio “*corpo transfigurado*”, então acreditamos que apesar da nossa fragilidade, o Amor é possível, o amor sempre mais forte do que a morte.

**5.** Queridos irmãos e irmãs: Eu creio bem que não há noite mais escura na fé, nem desespero maior na vida, do que deixar de acreditar no Amor.

Precisamos então de contemplar continuamente a beleza do rosto de Cristo, Crucificado e trespassado, morto e ressuscitado. Pois “*a fé, que toma consciência do amor de Deus revelado no coração trespassado de Jesus na cruz, suscita por sua vez o amor*” (DCE 39), isto é: “*quando nos detemos a rezar diante do Crucificado, com o olhar dirigido para aquele lado trespassado, não se pode deixar de experimentar dentro de si a alegria de se sentir amado e o desejo de amar*” (Bento XVI, Angelus, 22.10.2006).

Ao acendermos, nesta 2ª semana, a vela ou a candeia, junto à Cruz, reconhecemos que “*Aquele amor divino é a luz — fundamentalmente, a única — que ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir*” (DCE 39). Peçamos então ao Senhor que *reacenda a chama do amor*: do amor entre esposos, do amor entre pais e filhos, do amor entre irmãos, do amor entre amigos, de modo a reavivar em cada um de nós, “*a confiança no amor verdadeiro, fiel e forte*” (Bento XVI, MJMJ 2007). “Viver o amor e, deste modo, fazer entrar a luz de Deus no mundo” (DCE 39): tal é o convite que vos queria deixar para esta semana!

**Homilia no II Domingo da Quaresma C 2004**

**1.** Estourados pela subida, Pedro e os companheiros *estavam a cair de sono*. No rosto, as olheiras, de quem vive e sabe que a vida é curta e dura. A cruz é mesmo muito pesada. E eles estão… que não podem mais! Jesus, que há pouco lhes falara da Sua Cruz, convidara-os a rezar, para entrar na sua Luz. Mas, com o esgotamento e o cansaço, no regresso da sua primeira missão, quase se lhes escapava, da vista e do coração, a dádiva daquele momento único, de rara beleza.

Entretanto, diz o texto, «*despertaram*» de um sono de morte, para o gozo imenso daquela intensa luz, que resplandecia no rosto de Cristo. E Pedro exclamará: «*Que belo é estarmos aqui*» (Lc.9,33). A tal ponto essa experiência de luz os contagia e lhes faz arregalar os olhos, apesar do seu cansaço, que Pedro será tentado a deter a beleza daquela experiência, a agarrá-la com as duas mãos, prontificando-se a construir três tendas e a fixar-se ali para sempre. «*Não sabia o que estava a dizer*» (Lc.9,33)!

**2.** São Lucas – caríssimos irmãos - projecta esta Luz, fazendo-a incidir unicamente sobre *o rosto de Jesus*. O evangelista diz que “*as suas vestes se tornaram luminosas como um raio de luz e que a figura do seu rosto se alterou*”, se tornou outra (Lc.9,29); isto é, resplandeceu com uma beleza que é completamente diferente de tudo aquilo que conhecemos: era a beleza de Deus, do Deus Santo, do *Deus de Deus, Luz da Luz*. Daquela luz, “na qual vemos a Luz”! (Sal. 36,10)

De certo modo, os mais íntimos de Jesus contemplam já e antecipadamente no rosto de Cristo a glória futura da sua ressurreição. Uma glória que, aliás, se escondia, desde o princípio e cada dia, no corpo humano de Jesus, mas que só havia de se manifestar em todo o seu esplendor na gloriosa manhã de Páscoa.

**3.** Caríssimos: Li e reli esta Palavra a pensar muito em vós. Vejo-vos nesse cansaço de Pedro e dos seus companheiros, a cair de sono, quando Jesus sobe ao monte, com eles, para rezar. A cena repete-se no esgotamento de tantos pais, a caírem, mortos de sono, ao adormecer os seus filhos, depois de um dia de luta e sem tréguas. Vejo nas “olheiras”, dos que tarde se deitam e cedo se levantam, a escrita viva de uma saga familiar, de uma história de entrega e sacrifício, que vai quantas vezes até ao limite das forças. Quando não, ao desespero e à tentação da desistência. Vejo aqui, cada um de vós, nesse cansaço com que, tantas vezes se leva ou arrasta a vida. A vossa e a minha. Mas talvez mais a vossa! Pensei então na violência da penitência, que porventura vos imponho, quando vos exorto frequentemente a rezardes ou a lerdes a Bíblia, em família.

**4.** E que pode então dizer-vos esta experiência do rosto glorioso de Jesus oferecido aos seus mais íntimos, numa hora de sono pesado e de cansaço? Pode dizer-vos que, precisamente no limite e na rendição das vossas forças, se abre uma *brecha* para a Luz de Deus. Desarmados de tudo, estareis certamente mais receptivos à visita de Deus. Ele aceita os vossos desabafos, as vossas queixas e gemidos e até o sono pesado, como oração de súplica, de confiança e de louvor. Deus – meus queridos pais e irmãos - acompanha-vos nessas horas difíceis, oferecendo-vos na experiência do cansaço, o dom da sua luz, daquela mesma Luz que se reflecte no rosto de Cristo e que devia resplandecer sempre no rosto de cada um de nós.

**5.** E como nos visita essa Luz? Diria, que ela vem, como um raio, muito fugaz, de forte intensidade e de curta duração. Sobre o fundo escuro da nossa vida, projecta o sentido certo do caminho que temos pela frente. E isso, às vezes, é tão simples! Essa luz brilha no gozo de uma criança, que nos adormece confiante nos braços, na satisfação de um dever cumprido, na esperança de uma palavra semeada, na alegria do esforço partilhado… no crescimento moderado de uns ou no progresso “a olhos vistos” de outros. São momentos de glória e de graça, que iluminam o nosso rosto e nos quais precisamos de nos deter, para avançar no caminho da Cruz e da Luz.

**6.** Essa luz vem nesse instante de **silêncio**, que soubermos guardar para recolher as memórias do nosso dia. Essa luz vem na **Palavra de Jesus**, a que daremos mais ouvidos. Essa luz vem, na **paragem e no descanso**, que soubermos impor ao frenesim dos nossos dias. Essa luz divina comunicar-se-á desde já ao nosso corpo, e não só com a morte e ressurreição.Toda a nossa vida é uma lenta caminhada de iluminação progressiva que, dia a dia, penetra e preenche cada vez mais a nossa existência. É preciso deixar essa luz entrar pelo nosso quarto dentro…

**Homilia no II Domingo da Quaresma 2001**

Com Jerusalém no horizonte do seu caminho, Jesus prepara os discípulos para a glória da Cruz. Já sabiam, pela boca de Pedro, que Ele era o Messias de Deus (Lc.9,20). E, nas palavras de Jesus, foram desde logo avisados, e pela primeira vez, de que «*O Filho do Homem havia de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos,* chefes *dos sacerdotes e escribas, morto e ressuscitar ao terceiro dia*» (Lc.9,22). Mas os discípulos inclinavam-se muito a ver superficialmente a face gloriosa do Messias e a virar a cara à face dolorosa do Servo de Deus.

**I.** Jesus, todavia, quer oferecer antecipadamente aos discípulos, aos seus mais íntimos, a visão completa da sua Páscoa, do seu «*êxodo*» (Lc.9,31), isto é, da sua «passagem» deste mundo para o Pai, «*que se iria consumar em Jerusalém*». Numa palavra, Jesus conduz e introduz os discípulos na contemplação da glória de Deus, que, surpreendentemente, se realizará na Cruz. É aí que «*o mais belo dos filhos dos Homens*» (Sal.44,3) Se oferece como «*Homem das dores, frente ao qual todos cobrem o rosto*» (Is.53,3). A «Transfiguração» é assim um momento «forte», uma experiência intensa, num clima de profunda oração, em que se revelam as duas faces do rosto de Cristo: a Cruz e a glória, a morte e a ressurreição.

**II.** Esta visão antecipada da Páscoa, no alto daquele monte, prende o olhar cansado dos discípulos e desperta-os até da sua pesada sonolência. A Transfiguração fá-los sair do aborrecimento quotidiano e da distração presente do mundo, que tanto apreciam, para saborearem o encanto da «*Pátria futura que está nos Céus*» (Fil.3,20). Ali, no meio da nuvem, tocados e abraçados pela intimidade do Senhor, escutam a revelação do Pai que diz da Paixão que o une ao Filho... Ali, do alto, Pedro, Tiago e João, veem a vida toda, como mistério de dor e de amor. De sofrimento, de crise e, por isso, de crescimento. A «transfiguração» do rosto de Jesus destina-se, pois, à «transformação do coração» dos discípulos. À nossa «transfiguração», consequentemente.

**III.** Valia a pena, por isso, interrogarmo-nos agora, sobre quais as **condições que favorecem a nossa «transfiguração**» e a partir daqui intensificar a nossa «subida para Jerusalém»:

**1.** Em primeiro lugar, **a Oração**. Foi «*enquanto orava*» (Lc.9,29) que Jesus se transfigurou! Também nós «*Só a experiência do silêncio e da oração oferece o ambiente adequado, no qual pode amadurecer e desenvolver-se o conhecimento mais verdadeiro do mistério de Cristo*» (N.M.I.20). São Lucas regista, curiosamente, que depois de se fazer ouvir a voz do Pai, os discípulos «*guardaram silêncio*» (Lc.9,36). A Oração abre-nos a Deus e permite-nos superar os nossos medos e resistências. «*Sobretudo perante as numerosas provas que o mundo actual põe à fé, os cristãos, se contentados apenas com uma oração superficial, tornar-se-iam não apenas cristãos medíocres, mas cristãos em perigo, com a sua fé cada vez mais debilitada*» (N.M.I.34). É preciso rezar se queremos «*permanecer firmes no Senhor*» (Fil.4,1).

**2.** Em segundo lugar, «*a contemplação do rosto de Cristo não pode inspirar-se senão naquilo que se diz d’Ele na* ***Sagrada Escritura****, a qual está, do princípio ao fim, permeada pelo seu mistério. São Jerónimo afirma sem hesitar: “A ignorância das Escrituras é ignorância do próprio Cristo*”» (N.M.I.17). É preciso ler, meditar e rezar, familiarizar-se com as Escrituras, de modo que a Palavra viva nos interpele, oriente e modele a nossa existência (cf. N.M.I.39).

**3.** Em terceiro lugar, e em ordem a favorecer a nossa transfiguração, é preciso querer mesmo mudar. **Mudar**, aceitando desde logo, que esta transformação exige aceitar o **esforço** **da subida** e comporta acolher o custo da fadiga. É uma linguagem difícil para «*os inimigos da Cruz*» (Fil.13,8), para o homem «dormente» deste tempo, cujas regalias da técnica o habituaram à lei do menor esforço. Quando a lei da vida nos obriga a passar «o cabo das tormentas», julgamos, de imediato, termo-nos enganado na «embarcação». Somos tentados a mudar de rota, a largar a Cruz, convencidos de que este não era o nosso caminho... esta não era a nossa mulher, (o nosso marido), esta não era a nossa vida, esta não era a nossa vocação... A lógica dominante e dominadora do prazer, actuante naqueles que «*têm por deus o ventre e só apreciam as coisas terrenas*» (Fil.3,19) não suporta o discurso da Cruz. E no entanto o homem é chamado a superar o peso do sono, o medo da nuvem (da incerteza), a aceitar o esforço da subida, pois a pessoa realiza-se na superação de si mesmo. Cresce na crise da dor. Amadurece na Cruz. É na Cruz que pode estar certo da verdade do seu caminho e da fecundidade da sua vida.

(optativo: pode servir de monição de entrada)

**IV.** Neste dia, escolhido, para a realização do Recenseamento da Prática Dominical, descobrimos na **Eucaristia** «*o lugar privilegiado onde a comunhão* [com Cristo e com a Igreja] *é anunciada e fomentada*» (N.M.I.36). De facto, nas asperezas do caminho, ao cabo de uma semana de trabalhos, podemos sacudir a cinza e o pó dos dias iguais, e subir, como Abraão, a este «monte», a este altar do sacrifício, para gozar da suavidade da presença do Senhor. «*Oh como é bom estarmos aqui*» (Lc.9,33). Convidados por Deus, a «*sair para fora de casa*» (Gén.15,5) reunimo-nos aqui, nesta «Tenda» do Encontro. E «como é belo e bom ver os **irmãos reunidos** em harmonia» (Sal.132,1)... A Eucaristia torna-se, por isso, o melhor «antídoto» ou remédio sagrado contra o isolamento» (cf. N.M.I.36). Também aqui, na **escuta da Palavra**, de novo, «o Pai vem amorosamente ao encontro dos seus filhos, a conversar com eles» (D.V.21). Aqui, na **fracção do Pão**, o Crucificado se revela ressuscitado, vivo e presente no meio de nós. Aqui nos é dado contemplar o rosto de Cristo e saborear a sua presença.

Que a Eucaristia que celebramos dê novo fulgor ao quotidiano chão das nossas pressas, quedas e estacionamentos, no difícil caminho para Jerusalém! Ela nos ajude a subir o monte da liberdade e do amor, «*com os olhos fixos em Jesus, o autor e consumador da nossa fé*» (Heb.12,2). Porque «*é o teu rosto, Senhor, que eu procuro, não escondais de mim a vossa face*» (Sal.27,8-9).

**Homilia no II Domingo da Quaresma C 1998**

**1.** Depois do duro deserto, a montanha iluminada! E sempre o mesmo desejo de Deus, o mesmo impulso interior do Espírito, a fazer-nos sair de casa, a subir mais alto, para ver mais fundo, para olhar mais além. Em plena atmosfera de silêncio e intimidade, depois da noite escura do deserto, um relâmpago de luz, no meio da noite! Uma «*chispa do Espírito*», «*um archote de fogo*» se acende. Ilumina-se o horizonte sombrio dos tempos difíceis com o «*brasido fumegante*» da esperança. E para lá do palmo de terra, que o homem pisa, há ainda e sempre estrelas no céu para contar... Há a pátria que está nos céus. E para lá da noite da Cruz, a Luz eterna do dia de Páscoa...

**2.** Os discípulos, - os mais íntimos - muito à beira do abismo da paixão e da morte de Cristo, são conduzidos por Jesus à montanha santa, à experiência maravilhosa *da oração*, para «ver a partir de Deus», para escutar o Espírito, que ali lhes fala pela boca dos profetas, Moisés e Elias. Fala-lhes, revela-lhes, segreda-lhes o mistério mais íntimo do amor do Pai e do Filho. Eles «viram a sua glória», o mesmo é dizer, «entraram no mistério de Deus», «nessa nuvem luminosa», nessa experiência do «claro-escuro» da fé. E viram «iluminados» os seus olhares por uma esperança que não engana! *Porque o amor de Deus foi derramado em seus corações, pelo Espírito Santo,* que os «*cobriu da sua sombra*».

**3.** Caríssimos: só neste clima denso de oração, - tudo aconteceu «enquanto Jesus orava» - o homem pode ser envolto por essa «nuvem luminosa» do Espírito e entrar na intimidade amorosa do mistério de Deus, que nos transfigura. Aí, «estando o nosso coração em Deus», se ilumina o pálido rosto da cruz, com a luz terna e suave da esperança. Enquanto reza, o coração do homem é elevado «*às alturas de Deus*». E aí, envolto *«na nuvem luminosa*» do Espírito, o homem pode ver, por entre a cinza escura do seu penoso caminhar, a promessa de uma aurora sem nevoeiro, de uma manhã repleta de Luz: a manhã de Páscoa.

**4.** É essa a meta da Quaresma que vivemos. Transfigurar a dura realidade da nossa Cruz de cada dia, na experiência luminosa de uma vida inteiramente nova. Valeria a pena, caríssimos irmãos, deixar por momentos a aridez da planície desta vida tão «chã» e subir à montanha. Arriscar perder tempo com a oração. E aí, sem as luzes da cidade que nos ceguem, ver pontos de luz no caminho escuro da nossa Vida. Porque há «uma luz de presença» na noite escura. A Luz do Espírito, que urge invocar, hoje e mais do que nunca. Para que possamos sentir e dizer, como Gandhi, «a oração salvou a minha vida»...

**Homilia no II Domingo da Quaresma C 1995**

Quando se desenha próxima a cruz, o nosso olhar detém-se aterrado, cobarde, desconfiado e desistido. Mas na noite escura da dor e da angústia, um relâmpago de luz é bastante para nos deixar avançar no caminho. E esse clarão de luz que nos fez ver o horizonte tem a força de mudar o nosso olhar, tem o poder de atirar a nossa esperança para mais alto e mais além... Para aguentar a «penada» de cada instante, o homem precisa de contemplar o Eterno, o horizonte último que o espera, a meta, a sua pátria definitiva. Senão desfalece.

Foi um pouco assim, quando Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu com eles a um monte para rezar. Feito o anúncio da Cruz, Jesus eleva-se para a intimidade com o Pai na experiência maravilhosa da oração. E arrasta com Ele os discípulos. Para rezar e aí lhes fazer ver, com os olhos da esperança, que a glória da Ressurreição está no horizonte e a Cruz não será o fim. A «transfiguração» foi uma espécie de visão antecipada da ressurreição que pôde depois sustentar a fé dos discípulos diante do «escândalo da Cruz». Naquele instante os discípulos divisaram o Eterno e já o queriam possuir em definitivo*: «que bom é estarmos aqui*». Mas o caminho estava pela frente...

*Caríssimos*: Na nossa vida, no nosso caminho de fé e na nossa busca de Deus, precisamos imenso de experiências grandes e positivas, experiências tão íntimas e tão fortes que nos sustentem depois, nas horas difíceis e de crise...experiências que nos dêem um olhar optimista e sirvam de alento para avançar na noite escura. Daí a nossa absoluta necessidade de, pelo menos em alguns instantes da vida, sentir a força do Eterno. Se nunca experimentamos esta misteriosa presença de Deus, se nunca vislumbramos algo do nosso fim n’Ele, é-nos impossível avançar e resistir. E desistimos. Impõe-se-nos por isso a necessidade de uma experiência de Deus tão rica, tão forte e tão intensa, que nos permita enfrentar o mundo com novos olhos e ter atirado bem para o Alto o coração. Para nunca desistir de subir e caminhar...

E essa experiência é-nos oferecida na **intimidade da Oração**, na **escuta da Palavra**, verdadeiro alimento interior, **e na Eucaristia**, fonte de Vida. São momentos de grande fortalecimento interior. Precisamos de os viver para sentir «*como é bom estarmos aqui*»...

Para isso impõe-se um clima de rigoroso e austero silêncio na celebração, de humilde e atenta escuta da Palavra. É preciso que o nosso coração «arda cá dentro» na Eucaristia, para não acontecer de passarmos ao lado de tudo, adormecidos, sem nos darmos conta da maravilhosa presença de Deus que por aqui passa. E depois desistirmos da vida, da cruz, da Eucaristia, porque nunca lhe tomamos o seu verdadeiro sabor...

Fortalecidos interiormente pela Palavra, alimentados por Ele à mesa da aliança, *permaneçamos firmes* no caminho da Cruz e na esperança da nossa Pátria que está nos Céus...onde veremos a Luz.

*Recomeça,*

*se puderes,*

*sem angústia e sem pressa.*

*E os passos que deres,*

*nesse caminho duro*

*do futuro,*

*dá-os em liberdade.*

*Enquanto não alcances*

*não descanses.*

*De nenhum fruto queiras só metade.*

*E, nunca saciado,*

*vai colhendo*

*ilusões sucessivas no pomar.*

*Sempre a sonhar*

*e vendo*

*acordado,*

*o logro da aventura.*

*És homem, não te esqueças!*

*Só é tua a loucura*

*onde, com lucidez te reconheças.*

Miguel Torga,poema «Sísifo»